

O segredo do discurso de Lula

(Continuação da primeira página)

A campanha de Lula, a primeira a ir para as ruas, foi lançada em dezembro do ano passado, mas só começou a ser contabilizada pelo computador em maio último. De lá até o dia 30 de outubro, o candidato já discursou o equivalente a três dias sem parar, ou 4.440 minutos, só em comícios, sem contar reuniões em porta de fábricas, carreatas e passeatas.

Kalil Bittar, um jovem de 21 anos responsável pelo departamento de informática da campanha — na verdade, ele e duas máquinas — calcula que nesses cinco meses e meio os comícios do PT tenham reunido em média 17 mil pessoas cada, uma estimativa bem abaixo da dos jornais. Há comícios em que a imprensa registrou 20 mil pessoas e Kalil sensatamente diminuiu a estimativa para 10 mil. De qualquer maneira, de acordo com Bittar, Lula já teria falado para cerca de 1 milhão de pessoas desde maio.

Quem acompanhou os discursos de Lula, pelo menos nos últimos doze dias, não pode dizer que ele empolga a massa. Não é bem empolgação o que produz. Mais do que empolgar, ele emociona. Seus exemplos e argumentos têm a veracidade de um relato autobiográfico, mesmo quando não usa o verbo na primeira pessoa — e ele tem a esperteza de usar muito pouco, até porque não precisa: não há dúvida de que fala do que sabe.

Talvez nenhum candidato possa, como ele, sem cair no ridículo, tocar em certos temas de efeito discutível como criancinhas, fome, miséria, exploração do operário. Ele está contando a sua própria história. Olhar para a cara das pessoas enquanto Lula fala é um aprendi-

dizado de reações coletivas. Elas não ficam em êxtase ou inebriadas. Ao contrário, parecem manter em relação ao orador um distanciamento crítico que se poderia chamar de *brechtiano*, se não fosse pedantismo. Reagem, dialogam, dizem sim ou não, conforme o caso.

Num comício em Rio Preto, quando o candidato lamentou que o filho do operário não pudesse estudar em escolas particulares — que, segundo ele, seriam melhores —, vários braços se agitaram dizendo *não*. “São piores”, gritaram alguns.

Mas Lula erra pouco nos seus discursos sociais. Quando procura demonstrar a queda do poder aquisitivo dos metalúrgicos dizendo que não se come mais “frango com macarrão aos domingos”, a platéia responde com um coletivo “é isso mesmo” com a cabeça. A denúncia de que não tem mais ovo na comida que o operário, qualquer operário, leva para o trabalho, é de quem não precisa destampar uma marmitta para saber o que tem dentro. São números de sucesso garantido em todos os comícios.

Suas descrições do drama do atendimento hospitalar são irretocáveis. As poucas vezes em que conta histórias pessoais — como a perda na prensa de um dedo da mão esquerda — são para ilustrar a situação de milhões de brasileiros.

Essa história serve para comparar o tratamento diferenciado que ele mesmo recebeu, primeiro como metalúrgico e, mais tarde, como deputado. Na primeira situação, o “peão, com a mão cheia de graxa, sapatão sujo de óleo” teve o dedo cortado. “Meteram o bisturi e arrancaram todo o meu dedo quando podiam ter

deixado um cotozinho prá mim coçar o ouvido esquerdo” (risos). Na segunda situação, o deputado Lula, vítima de uma apendicite, foi levado de Brasília para o hospital Sirio-Libanês em São Paulo. “Cheguei às 9hs, às 10 estava anestesiado, às 11hs já estava operado. Isso porque era o Lula deputado. Se fosse o Lula operário, tinha morrido antes de ser operado. Tinha morrido com o apêndice supurado, como milhares de mães vêem seus filhos morrerem no colo à procura de uma maldita assistência médica que nunca vem para o pobre”.

Por isso é que, nos comícios, não surte muito efeito a acusação de que Lula não estaria preparado para ser presidente — aliás lembrada sempre por ele mesmo. “Me acusam de não ter diploma, mas o atual presidente da República é da Academia Brasileira de Letras, e todos os outros tinham diploma. E o que fizeram do país?”.

Em seguida faz conclamações como esta à auto-estima do operário: “Gente, nós somos a maioria desse Brasil. É nós que produzimos o pão, o trigo, a carne, o carro, a roupa, o sapato, o feijão, o arroz. É nós que produzimos tudo. Por que que é eles que têm que mandar? É justo isso? Sabe por que eles mandam? Porque a gente ainda não adquiriu consciência política. É por isso que nossas crianças perambulam pelas praças, é por isso que é o filho do pobre que é trombadinha...”

E por aí vai. Nesses momentos, é difícil prestar atenção nos erros de gramática. Há uma dramática verdade por trás dessa forma canhestra. O orador é autêntico e o conteúdo sincero. (Z.V.)